

À ESPERA DO SOL

ANA RAPHA NUNES



ILUSTRADO POR
PAULA KRANZ



Conto com Você Livros, Histórias e Textos

Copyright © 2020 by Coleção Conto com Você

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores e autores.

Venda proibida - veiculação digital

ISBN 978-65-86858-02-0

Título: À espera do sol

Autora: Ana Rapha Nunes

Editora: Fernanda Vernilo

Ilustradora e diagramadora: Paula Kranz

colecacontocomvoce.com.br

@colecacontocomvoce

PALAVRA DA EDITORA

Esta é uma iniciativa completamente voluntária da nossa equipe, que, neste momento, espera com todo carinho que estas singelas palavras possam ser boa companhia para crianças e adultos.

Fiquem à vontade para compartilhar este livro, em sua íntegra, para que ele voe para muitas casas.

Esperamos que esta história ilumine um pouco os dias que sua família tem vivido por aí.

Vai passar!

Boa leitura,

FERNANDA VERNILO

Editora



À ESPERA DO SOL

Mais uma manhã começava.

Igual a ontem.

E anteontem.

E antes de anteontem.

Todo dia era a mesma coisa.

Miguelino acordava com as gotas de chuva tocando sua janela.

O garoto dos cabelos de ventania e dos olhos de queixumes sentia-se pela metade.

Sonhos deixados à porta do mundo...



O dia passava triste,
escondido das festas do calendário.
Nos vãos do tempo, Miguelino era saudade
de si, do outro, da vida.
Sua boca calava os pensamentos que
inundavam sua cabeça.

Por que chovia todos os dias sem parar?



Luziana, cidade luz.

Antes, festas enluaradas em cada esquina.

Povo de beijos e abraços.

Sol ardendo no infinito azul.

Olhos radiantes em todas as fotografias
esparramadas nas paredes da memória.

As risadas faziam parte das refeições, sempre
fartas de cores e sabores.

A chuva vinha, vez ou outra, trazer cheiro de
mato fresco e molhar as plantas e os amores
da região.

Numa tarde de fevereiro, tudo mudou.



Grandes nuvens foram chegando.
Amontoando-se umas sobre as outras.
O vento começou a cantar nas curvas da
cidade.
As árvores dançavam a canção mais sôfrega.
O cinza virou horizonte.
A chuva chegou. Forte. Ágil. Arrebatadora.
E nunca mais foi embora...



Não era uma chuva de calmaria, daquelas que molham de melancolia as manhãs de inverno ou que refrescam as tardes de verão.

Não era a chuva esperada pelos olhos sedentos de Fabiano, que não via mais nada brotar em seu chão árido. Nem a chuva esperada por Cordulina, que tinha a fome estampada em seus ossos que saltavam do corpo franzino em meio à seca.



Era uma chuva que causava pranto e espanto. Que deixava as faces descoradas, as mãos trêmulas, as pernas bambas.

Desde que começou essa tempestade sem fim, a cidade de Luziana não era mais a mesma.

Cada família em sua casa. Trancada a sete chaves.

Os pensamentos voavam junto com a fumaça das xícaras de café, à espera do amanhã...

Alguns vagavam pelas ruas em busca de alimento ou abrigo.

Mas a solidão os perseguia junto com a chuva. Medo e fome misturavam-se à melodia das lágrimas.



As crianças passavam as tardes confinadas.

Nada de cirandas na praça. Passeios pelo bairro. Brincadeiras com os amigos.

Olhos grudados na janela, vendo a vida em preto e branco passar lá fora.

A calçada cheia de silêncios.

Apenas o som da chuva não calava. Era cantoria insistente dia após dia.

Miguelino não aguentava mais o cárcere de sua casa.

Filme na tevê. Baldes de pipoca. Joguinhos no celular. Cabaninhas de lençol na sala. Brigadeiro antes de dormir.

O filho. O pai. A mãe.

Três naufragos nas ondas do tempo.

O tédio nos olhos fundos. O sorriso escondido entre os lábios.



Até das aulas de matemática Miguelino sentia falta.

Da professora Leca, que era sorriso sereno.

Do inspetor Gusmão, que escondia as risadas atrás daquele bigode generoso.

Da diretora Marilda, que era afeto em suas palavras calorosas.

Dos amigos.

Lucas, Leo, Tobias.

Marina, Joana, Letícia.

Da vovó Maria e de suas histórias encantadas.

Do vovô João e dos seus doces com gosto de carinho.

Tanta gente que morava no seu coração e que estava longe, do outro lado da tempestade.



Antes de dormir, pai e mãe eram cafuné nos cabelos do menino, que sempre perguntava:

– Amanhã a tempestade vai embora?

O silêncio era a resposta contudente, que fazia seus olhos virarem rio em mais uma noite de chuva.



Havia dias em que ele acordava alegre.
Brincava com seus brinquedos, lia mil histórias
e criava o seu próprio mundo.

A imaginação passou a ser sua melhor amiga.
Criava castelos, pontes, sonhos. Lá, tudo era
permitido. Na Pasárgada de seus dias escuros,
o voo não tinha paredes.

Outros dias, a angústia abraçava o menino,
que era uma sombra na janela, buscando
vida lá fora.

As mãos carinhosas da mãe. Os olhares
afetuoso do pai. O medo. O tédio. A solidão.
Tantos sentimentos se misturavam no caldeirão
do tempo.

Miguelino sabia que aquele inverno fora de
época não duraria para sempre. Logo as flores
brotariam por todos os cantos, perfumando a
cidade. As borboletas romperiam os casulos,
pintando o céu de alegria. O sol bateria na
vidraça, convidando-o para um passeio.

A esperança era o melhor remédio para os
dias que seguiam sem fim.



Fevereiro passou. Março também. Abril foi embora.

E maio trouxe a novidade lá no fim de seus dias.

Naquela manhã de sexta-feira, Miguelino não acordou com a canção das gotas perenes.

Abriu sua janela, sorrindo para o mundo.

A chuva parou!

O sol estava lá, entre as folhas de outono, brilhando novamente.

Raios iluminavam a cidade de Luziana, que virou primavera.

Todos saíram de suas casas.

A festa começava em cada sorriso.

Os abraços esmagaram a saudade da vida.

As saias floridas, os chapéus coloridos, as calças estampadas transitavam pelas calçadas, que exalavam aroma de felicidade.



Miguelino voltou à sua rotina.

Escola. Tarefas. Quintal.

Praça. Parque. Cinema.

Até as tarefas de matemática passaram a ser saborosas.

Voltou a ser quem era, mas já não era mais o mesmo.

Deixou os queixumes na gaveta. A ventania ficou perdida no passado. A alegria ganhou abrigo nos seus olhos castanhos.

A mãe.

O pai.

Os avós.

Os amigos.

Todos pareciam diferentes. A paz era convite ao sorriso fácil.



MAS O QUE LUZIANA NEM DESCONFIAVA É QUE A CHUVA NÃO HAVIA CESSADO.

Em outras esquinas, outros muros, outras ladeiras, ela chegou.

Forte. Persistente. Angustiante.

Mais pessoas sentiriam o peso daquelas gotas que encharcavam os sapatos, as janelas, as almas.

O ar faltava no peito. E o sol ficava para um outro dia que parecia não chegar nunca.

Mas ele voltaria. Ele sempre volta!

O rei dourado a brilhar nas retinas. A escapar pelas cortinas. A desenhar sombras nas calçadas.

A convidar para mais um passeio.



Sobre a autora

Ana Rapha



Os dias de sol me fascinam desde a infância. Naquela época, se a chuva chegava, eu ficava triste na janela, sem poder sair de casa, contando as gotas que caíam e imaginando histórias.

A imaginação me levou ao mundo dos livros, onde a leitura e a escrita me fazem voar...

Com o tempo, aprendi que os dias de chuva podem nos trazer uma coberta quentinha, um livro colorido e olhos de poesia para vermos a beleza arrebatadora

das tempestades. Elas sempre vão embora, mas deixam um belo arco-íris no horizonte, pincelando nossos corações de sonhos e esperança.

anaraphanunes.com.br

Instagram: @anaraphanunes

Sobre a ilustradora

Paula Kranz

O sol que ilumina meus dias são as minhas duas meninas. Logo que me tornei mãe, descobri os encantamentos da Literatura Infantil e voltei a viver nesse mundo lúdico da infância, repleto de brincadeiras e histórias.

Numa bela tarde ensolarada ou numa manhã chuvosa, sempre estou acompanhada de papel e tinta, criando diversas imagens.

Hoje, são mais de 20 livros publicados com os meus desenhos. Sigo esse caminho com muitos sonhos e com vontade de mostrar a delicadeza dessa fase tão importante de nossas vidas. Ilustro a magia, o brilho nos olhos e esta forma única de ver o mundo que as crianças compartilham todos os dias conosco.

paulakranz.com

Instagram: @paula_kranz

AOS ADULTOS

Esta é a primeira vez que as nossas crianças passam por um momento tão conturbado e delicado mundialmente. Mesmo nós, adultos, temos pouca - ou nenhuma - lembrança de um momento caótico assim.

À medida que os dias foram passando, menos rotina tínhamos e se tornou impossível não envolver as crianças no assunto. As aulas pararam, as ruas esvaziaram, os eventos foram cancelados e praticamente não há outro assunto entre as pessoas e na televisão. Não precisa ser muito grande para notar que algo diferente está acontecendo.

Muitas vezes com a intenção de poupá-las, deixamos de contar o que está acontecendo. Ou, em um momento de grande preocupação, transmitimos sensações de medo e pânico.

O mais sensato, porém, é manter a calma, medir as palavras e ter uma conversa olho no olho. As crianças compreendem aquilo que é explicado a elas, mas também percebem o sentimento com o qual as palavras são ditas.

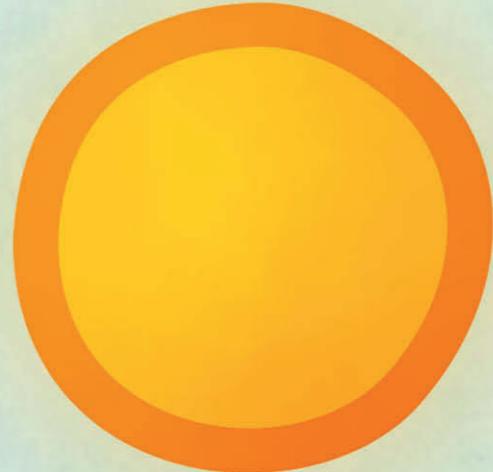
Uma forma de começar o bate-papo e, principalmente, falar sobre esperança, é lendo juntos. Em uma leitura compartilhada, ou um papo pós leitura para os maiorzinhos, muita conversa pode surgir e, com ela, a calma e conexão necessárias neste momento delicado.

Este livro poderá te ajudar com a escolha das palavras para conversar com a sua criança, pois, de uma forma simbólica, ela poderá associar o conto aos dias que estamos vivendo e perceber que, em breve, a espera pela chegada do sol terminará.

Com carinho,

VIVIANE MARQUES

Psicóloga e Educadora Parental
psicologiacomempatia.com.br
@viviane_psicologiacomempatia



A Coleção Conto com Você tem como propósito conduzir diálogos. Por meio da leitura de histórias, promove conversas verdadeiras e transparentes entre gerações, contribuindo para a criação de vínculos de confiança genuínos.
Conheça nossos livros em colecaocontocomvoce.com.br

